

Narrar, Contar... Histórias de Cabo Verde

Narrate and tell... Stories from Cape Verde

Rosemari Bendlin Calzavara^{a*}

^aUniversidade Norte do Paraná, Paraná, Brasil

*E-mail: calzavara@sercomtel.com.br

Resumo

Este estudo teve por objetivo analisar e confrontar algumas narrativas de autores cabo-verdianos, mais particularmente nos aspectos estilísticos, culturais e sociais desta literatura africana de língua portuguesa. Num primeiro momento, foi realizada uma síntese da história de Cabo Verde e as características do seu povo, a partir dessa caracterização, pretendeu-se identificar e estudar essas marcas tão peculiares em narrativas de Baltasar Lopes, Gabriel Mariano e Orlanda Amarílis.

Palavras-chave: Literatura Africana. Cabo Verde. Narrativa.

Abstract

This study aimed to analyze and confront some narratives by Cape Verdean authors, particularly in stylistic, cultural, and social aspects of that African literature from Portuguese language. At the first moment, a synthesis of Cape Verdean history and its features was carried out. Departing from that characterization, it was intended to identify and study those specific traces in narratives by Baltasar Lopes, Gabriel Mariano, and Orlanda Amarílis.

Keywords: African Literature. Cape Verde. Narrative.

1 Introdução

A história das literaturas africanas de língua portuguesa é de memórias, nostalgias e saudades. A peculiaridade de sua estética está intrinsecamente relacionada à história e à cultura do seu povo. Ao se estudar estas literaturas faz-se necessário tentar perceber no texto toda a sociedade que o gerou. O presente artigo tem como objetivo analisar e confrontar algumas narrativas de autores cabo-verdianos no que diz respeito aos seus aspectos estilísticos, sociais e culturais.

Os contos escolhidos para leitura e análise foram: *O rapaz doente*, de Gabriel Mariano, *A seca*, de Baltasar Lopes e *Caisdo-Sodré*, de Orlanda Amarílis, do livro *Estória Africanas: história e antologia* (SANTILLI, 1985).

Cabo Verde constitui uma nação africana situada a 455 km da costa ocidental da África, na direção da Guiné Bissau. Nos idos do século XV funcionava como entreposto comercial para as navegações portuguesas que iam e vinham para as Índias e para o Brasil. O arquipélago foi povoado, portanto, por portugueses emigrantes das ilhas da Madeira e dos Açores e por escravos trazidos da Guiné Bissau.

As nações africanas de língua portuguesa em princípio eram ágrafas, não possuíam escrita, mas cultivavam uma literatura oral riquíssima.

Nesse período não houve maiores investimentos na colonização das ilhas, somente na segunda metade do século

XIX, cessado o tráfico de escravos, é que Portugal propiciou condições de desenvolvimento para o arquipélago, com a criação de liceus, a criação de uma imprensa de qualidade e a imposição da língua portuguesa como oficial.

Mesmo com a maioria da população não possuindo domínio da expressão escrita, a expressão oral se incumbiu de registrar as histórias de ficção que pendiam para o maravilhoso, o fantástico e o excepcional.

Ao lado dessa narratividade lúdica ficaram os registros das histórias verdadeiras, ou as histórias que serviam para instruir e para formar os ilhéus.

Como a convivência linguística foi bastante diversa durante séculos, o crioulo, conhecido como o *papiar* dos ilhéus, já havia se consolidado como língua espontânea do povo. Outra característica que, nas primeiras décadas do século XX se atribuiu à alma do povo cabo-verdiano foi a *morabeza*, a resistência do ilhéu através de sua amoralidade ou amorosidade, que imprimiu ritmo, musicalidade ao idioma do colonizador (LARANJEIRA, 1995).

O reconhecimento destas características como fonte de resistência se deu mais precisamente a partir do surgimento dos grupos literários *Claridade* e *Certeza*, que buscavam uma literatura verdadeiramente cabo-verdiana que retratasse esteticamente a questão política e social do ilhéu.

A dualidade desta vivência cercada de dificuldades e por

um mar que encantava, significava a liberdade, mas que ao mesmo tempo aprisionava e refletia-se no eterno dilema de querer ficar e ter de partir. Fruto desse dilema as cantigas populares mais antigas, conhecidas como *mornas* enfatizavam a dor, a saudade, a nostalgia, a evasão. Aliadas ao imaginário popular remetiam à crença dos desígnios divinos de aceitação às agruras da vida.

A literatura como arte é uma expressão social, pois reflete a ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação e que conseqüentemente também podem produzir sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais.

Considerando que a arte literária é uma forma de comunicação expressiva e expressão de uma realidade vivenciada pelo artista o que leva o escritor a manifestar esta ou aquela realidade pressupõe uma investigação, conforme bem sugere Candido (2000, p.20):

Assim, a primeira tarefa é investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais. É difícil discriminá-los, na sua quantidade e variedade, mas pode-se dizer que os mais decisivos se ligam à estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação.

Discutindo esta questão o autor contrapõe que o grau e a maneira de influência destes fatores são variáveis de acordo com o processo artístico.

Nos aspectos apontados acima, ainda segundo Candido, as primeiras influências dizem respeito primeiramente ao grupo social a que pertence o artista e aos grupos receptores, a segunda diz respeito à forma e conteúdo da obra e a terceira à fatura e transmissão. Daí termos as marcas impulsivas da criação que passam pelos seguintes momentos: “a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio” (CANDIDO, 2000, p. 20).

Para os escritores cabo-verdianos esta relação foi bastante significativa tendo em vista as peculiaridades de sua colonização e de seu contato muito próximo com a literatura brasileira, o que ocorreu no início do século XX.

Diante disso podemos considerar algumas partidas básicas que sedimentaram a literatura insular: primeiramente sob o impulso de uma necessidade interior, orientados segundo os padrões de uma época, os escritores escolheram certos temas (fome, seca, nostalgia, evasão); usaram certas formas (lírica, narrativa e teatro); a síntese dessa produção agiu como força de resistência e não mais como aceitação. Partir já não significava resistir. Resistir era ficar, e ficando, mostrar através da literatura o verdadeiro sentido de ser cabo-verdiano.

Os que partiam mantinham o perene elo da memória, estavam fora, mas a ilha continuava dentro. O mar que levava era o mar que trazia. Nesse sentido a literatura cabo-verdiana exerce plenamente a sua função humanizadora, mostra

o homem e sua vivência e atua na formação desse homem (CANDIDO, 1999).

A língua, a cultura, as misérias e as grandezas foram sendo fixadas pelo texto ficcional. Os narradores cabo-verdianos, assim como os poetas, a partir de *Claridade* deram voz ao percurso das manifestações do homem comum.

Na medida em que o que foi escrito nos interessa como experiência humana, não apenas como produção de um texto com estrutura profunda, nos acercaremos dessa matéria literária através de suas várias possibilidades, pois a literatura desperta inevitavelmente o interesse pelos elementos contextuais, como salienta Candido (1999, p.82):

Tanto quanto a estrutura, eles nos dizem de perto, porque somos levados a eles pela preocupação com a nossa identidade. o nosso destino, sem contar que a inteligência da estrutura depende em grande parte de se saber como o texto *se forma* a partir do contexto, até constituir uma independência dependente (se for permitido o jogo de palavra).

Considerando os aspectos pertinentes à composição criacional que é matéria e forma e considerando a arte de dizer, por onde transita ficção e realidade, não se pode deixar de olhar o objeto estético sem olhar nas entrelinhas do cotidiano das personagens onde repousam as marcas da realidade de homens e mulheres que vivem um mundo real.

As práticas textuais, como num jogo de xadrez cujas figuras, regras e partidas se manifestam em lances de memória contam *histórias* que eventualmente já aconteceram ou podem estar acontecendo na realidade.

Baltasar Lopes, Gabriel Mariano e Orlanda Amarílis mais do que escritores desse universo insular retrataram através de suas narrativas as cores do cotidiano do homem cabo-verdiano.

2 A Seca - Baltasar Lopes

Dentro da proposta de releitura e análise de três narrativas cabo-verdianas, iniciamos com uma narrativa de Baltasar Lopes, *A seca* que pertence ao romance *Chiquinho*, publicado em 1947.

Baltasar Lopes (pseudônimo: Osvaldo Alcântara), nasceu em São Nicolau, Cabo Verde e foi um dos fundadores da revista *Claridade*.

Chiquinho é uma narrativa da típica situação de uma família cabo-verdiana, o pai parte para os Estados Unidos deixando para a mãe a responsabilidade de cuidar da família, situação bastante peculiar aos povos da ilhas.

A nostalgia da memória recuperando o passado, desde a tenra idade, passando pela adolescência para chegar à vida adulta, sempre no ritmo da chuva e da seca. Na adolescência a euforia, o contato com o mundo exterior, o grupo cultural, os grupos sociais operários. Na vida adulta a resistência de um mestre escola, de um professor, nas agruras de uma ilha. É uma narrativa em primeira pessoa que surpreende pela ausência de diálogos, mas tão cheia de lembranças de vida e

morte “Conservo uma doce saudade dessa minha tão chegada camaradagem com os meus alunos”. “Mal sabiam eles que amargores de velho a minha mocidade encobria” (SANTILLI, 1985).

É uma narrativa densa, quase testamentária da aridez da ilha, os homens e as pedras se confundiam, a seca, a miséria, a doença e a morte se entrelaçam no decorrer da história para, no final o narrador mostrar a sua falta de energia para amar, para partir como outros tinham feito. Quem sabe essa covardia da permanência seja uma forma de resistir ou de amor trágico pela ilha.

Na mesma linha da tematização das agruras e dissabores que rondam a península, Gabriel Mariano escreveu *O rapaz doente* (1963).

3 O Rapaz Doente - Gabriel Mariano

José Gabriel Lopes da Silva Mariano, também nasceu em São Nicolau, Cabo Verde e as suas narrativas também versarão sobre a seca, a fome e a emigração, fantasmas que perseguem as minorias desprivilegiadas. As suas narrativas foram reunidas no volume *Vida e morte de João Cabafume*, onde se insere *O rapaz doente*.

Nesta narrativa que ora analisamos, nos deparamos com uma dualidade social bem definida na qual uma representante da pequena – burguesia cabo-verdiana (D. Maninha) se vê numa situação de desconforto ao receber por encomenda um ilhéu doente, enviado por seu marido, para que ela lhe desse tratamento e cura.

O esforço de D. Maninha para cumprir o pedido do marido e exercer o seu papel de cristã é exatamente do mesmo tamanho da vontade que ela tem de livrar-se rapidamente daquela “encomenda problemática”, ela faz tudo o que está ao seu alcance, mas o faz de tal maneira que lhe garanta a certeza de que o rapaz voltará para o lugar de onde veio.

A passividade com que Júlio, o rapaz doente, aceita o seu destino é revoltante, ele aceita toda a situação sem manifestar nenhuma opinião, é como se ele soubesse de antemão o seu destino, ficar vivo ou morrer tanto fazia, isso não importava. O tom dissonante nesta tragédia cotidiana é a manifestação de interesse de Júlio pelas mulheres, primeiro pela empregada de D. Maninha e depois pelas mulheres da rua.

A condição de morte em vida, pela doença incurável ou por que não se esforçariam para curar, num corpo cheio de vida pronto para o encontro do amor e esse desejo de Júlio pelas mulheres mostra que a energia vital que ele carregava no corpo lhe pertencia, era sua independente da vontade e da decisão de outros. Ninguém lhe tiraria isso, era a sua resistência diante da miséria humana na qual ele se encontrava.

4 Cais-do-Sodré – Orlanda Amaralís

Orlanda Amaralís, nascida em Santiago, Cabo Verde, tem um contraponto especial nesta análise, é uma mulher, e é uma mulher que se destaca na literatura cabo-verdiana. Através da sua sensibilidade marcadamente feminina e dos gestos e falas

de seus personagens captura a vivência social e psicológica dentro e fora das ilhas.

A autora se destaca ainda por colocar na voz das personagens as histórias de homens e mulheres que deixam suas raízes e partem em busca de uma segurança que muitas vezes não virá.

As vozes anônimas dos errantes caminhantes buscando ouvir a voz de um patrício que lhe traga a recordação da terra mãe.

Cais-do-Sodré (1974) é uma narrativa na qual encontramos o sentimento dual de uma assimilada, Andresa, que se divide entre o sentimento de estar fora, negar a identidade e o reconhecimento do estar com, do sentido de pertença do *papiar* crioulo.

Andresa ao encontrar com uma patriciã numa estação passa por dois momentos de narrativa simultâneos: primeiro um monólogo interior no qual ela analisa a desconhecida, dialoga com o passado rememora coisas da terra, se polícia para não conversar com a desconhecida; e outro quando ela busca a conversa, sente-se feliz com a conversa, pergunta, estabelece intimidade, chama a outra pelo nome: a Tanha.

A duplicidade que se estabelece entre o monólogo interior e o diálogo que Andresa tem com a Tanha, a “leva” para a ilha, revisita parentes e conhecidos, mata saudades daquilo que lhe é tão caro.

O *papiamento* é espontâneo e a conversa corre solta, mas Andresa não está na ilha. Ela tenta se conter e não consegue, a voz interior fala mais alto, a saudade sai do peito e manifesta-se na voz. Quando Andresa se dá conta ela já fez a pergunta, e o *papiamento* vai fluindo.... entra na memória, entra no coração, entra na alma. Andresa volta para a ilha.

O encontro com a patriciã põe em suspenso o tempo para Andresa, a realidade em volta não interfere no seu mundo interior, aliás ela se fecha para esta realidade externa: “Uma inglesa ruiva, de bengala, senta-se ao seu lado. Andresa atira para longe o cigarro e cruza as pernas” (SANTILLI, 1985). Não é um ato isolado, Andresa não se “abrirá” para conversar com esta inglesa, ela não participa desse mundo estrangeiro. O monólogo interior continua.

Até a simples presença da patriciã lhe faz bem. Andresa procura a Tanha e se dispõe a mudar o seu caminho para desfrutar daquele contato com a sua terra.

5 Discussão

A escolha dos três contos aqui analisados aponta questões cruciais dentro do processo de caldeamento étnico e cultural com que se estruturou Cabo Verde. A riqueza da construção textual é feita de minúcias, de detalhes, de filigranas. O recordar quase num sentido proustiano, representando o querer ficar e ter que partir.

Como se vê é impossível separar a leitura de uma obra de sua feitura, pois sociologicamente sabemos que estes escritores construíram a sua arte literária a partir de retratos

vivos da terra mãe. Mesmo assim não devemos desprezar os conceitos defendidos por Antonio Candido, quando ele discute a questão da construção do literário e a literatura como expressão da vida social do artista

Mas, justamente porque é uma comunicação expressiva, a arte pressupõe algo diferente e mais amplo do que as vivências do artista. Estas seriam nela tudo, se fosse possível o solipsismo; mas na medida em que o artista recorre ao arsenal comum da civilização para os temas e formas da obra, e na medida em que ambos se moldam sempre ao público, atual ou prefigurado (como *alguém* para quem se exprime *algo*), é impossível deixar de incluir na sua explicação todos os elementos do processo comunicativo, que é integrador e bistransitivo por excelência (CANDIDO, 2000, p.21).

Ao lado de características particulares e pessoais de cada um dos autores aqui analisados observamos a voz coletiva, a voz do povo cabo-verdiano. Daí termos uma literatura que congrega o coletivo.

A produção dos autores aqui mencionados, assim como de outros autores cabo-verdianos que não foram trazidos para esta discussão, mas que também apresentam tais características, depreendem uma unidade na escrita e na tematização na medida em que usam imagens e idéias que apontam para afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento histórico cujo grande tema é o do desenraizamento e da partida.

A presença dos temas cabo-verdianos, nestas narrativas sensíveis, trazem a nostalgia da terra mãe no exílio. Embora sofridos a saudade das coisas que ficaram para trás se fazem tão presente no imaginário de Andresa, de Júlio, e do professor.

A situação de penúria e precariedade vivida pelos homens das ilhas devido à seca aponta que o partir seria uma solução, mas a personagem permanece, seca naquele momento, como a seca da sua terra e lhe falta a coragem ou é a voz da terra que clama mais alto e a partida que poderia ser uma solução, não acontece.

As doenças que dizimam a população das ilhas e a vida da pequena-burguesia que se compadece da miséria humana na exata medida que não lhe comprometa o sossego e o bem estar da família. Não querer se relacionar com uma estranha, mas o desejo de ouvir na voz dessa mesma estranha o som da terra que se distanciou dos olhos e está presente no imaginário.

Diante disso tudo, ficar na ilha como forma de resistir, manifestar a vontade e o desejo do amor como forma de

resistir. Tentar resistir ao diálogo com a patricia para não se entregar às saudades mas entregar-se totalmente à memória, e para não resistir mais às saudades, finalmente ir junto, ficar ao lado para desfrutar um pouco mais da aproximação da ilha.

6 Conclusão

Diferentemente das outras literaturas africanas de língua portuguesa, a literatura de Cabo Verde revelará a realidade da ilha. A forte mestiçagem do seu povo também gerou uma literatura diversa que não é produto do homem europeu nem do africano, mas do crioulo.

Igualmente a qualquer outra sociedade a literatura de característica crioula traz no seu bojo o homem das ilhas e o seu cotidiano, não apenas o indivíduo escritor, mas alguém que desempenha um papel social único, junto ao seu grupo social. Como ele escreve, o que ele escreve é o registro particular de ações coletivas.

A matéria e a forma escolhidas pelo escritor dependerão da tensão que ele quer registrar. Como resultado, teremos um diálogo vivo entre o criador e o público.

Na medida em que reconhecemos a obra de arte literária como uma tríade simbólica de comunicação inter-humana que conjuga no seu âmago a obra, o autor e o público, vemos mais e mais a experiência literária, e aqui no caso a literatura cabo-verdiana como uma forma de registro social de um povo e de uma nação.

Referências

- CANDIDO, A. Literatura e sociedade. São Paulo: Publifolha, 2000.
- _____. A literatura e a formação do homem. Remate de Males, Campinas, 1999.
- CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FERREIRA, M. Literaturas africanas de expressão portuguesa. São Paulo: Ática, 1987.
- LARANJEIRA, P. Literaturas africanas de expressão portuguesa. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- SANTILLI, M.A. Estórias africanas: história e antologia. São Paulo: Ática, 1985.
- SECCO, C.L.T.R. Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX: volume II Cabo Verde. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. p.40-41.